

## CANTO DE ADEUS PARA UM PEÃO DE ESTÂNCIA

Apparício Silva Rillo

Não vou cantar teu vulto de legenda  
perdido no impreciso dos tempos e das lendas.  
Nas entrelinhas da história se retraça  
a tintas de suor somado a sangue  
a gesta de que foste herói sem nome,  
o bruto lidador temperado a minuanos,  
a fumo de cartucho e guascaços de sol.

Não vou cantar teus feitos de guerreiro xucro  
que ao grito de um caudilho abandonava rancho,  
abandonava mulher, filho e querência  
pelo gosto no mais de entreverar-se lindo  
aos que honravam como tu a mesma cor de lenço.

Não vou cantar tuas mãos sofridas no trabalho  
mãos que empunharam lanças, espadas e trabucos  
e a rabiça do arado, e a boleadeira e o laço  
quando a faina da guerra sucedia  
o silencioso labor do amanhã a terra  
e o campeiro lidar do pastoreio.

Não vou cantar o teu amor a china,  
a tua devoção às armas e ao cavalo,  
nem o respeito que te mereciam  
a coragem pessoal, o desassombro,  
as cores da divisa partidária,  
o fio de barba que selava um trato  
- sagradas leis de tua fé-de-ofício.

Não vou cantar o que realizaste  
na silenciosa construção da grandeza do pago.

Não vou catar o que foste.  
Vou cantar o que és – peão de estância.

II

“A gaita matou a viola,  
o fósforo matou o isqueiro,  
a bombacha o chiripá  
e a moda o uso campeiro.”

E a ti, peão de estância,  
que te mata ou vai matar?

Com teu permissão, índio velho, eu te direi.  
E te direi com este meu canto triste  
que é um grito de urutau fazendo coro  
a um toque de clarim em retirada.

É que passou teu tempo, peão velho.  
É que não cabe na moldura estreita destes dias  
a tua estampa de anônimo e de xucro  
que se plasmou em plainos e horizontes,  
em larguezas de alma e infinitos de audácia.

É que vieste ao tranco pela história a fora,  
sem pressas de chegar, sem anseios de longe.  
Mas o tempo, taura velho,  
a vida que se chama evolução,  
mui poço demorou no teu costado  
e cansada, talvez, de vir batendo estribo,  
a lo largo no mais, te foi deixando atrás.

E foi erguendo aramado, armando bretes,  
pondo arames e porteiros no teu rumo,  
maquinizando aquela lida simples  
que a pata de matungo e destreza de braço  
praticavas tão bem para o ganho do pão.

E a cada dia os campos mais estreitos,  
e o teu pão a cada dia menos farto...

E te restou o que depois de tudo?

- A pilcha pobre, quase a mesma pilcha  
que noutros tempos, fachudaça e linda,  
na tarde domingueira ou nos comércios  
compunham em sedas e merinos negros  
a tua estampa de campeiro e macho.  
E ainda o mesmo amor pelo cavalo,  
o mesmo gosto em aperá-lo lindo,  
bastos de lei e pelegões bem brancos,  
tranças de nove e argolões de prata.  
Mas apenas o amor, porque o cavalo,  
se ainda o tens, é um matunguito feio  
curvado a peso de um recal de pobre.

E ainda o rancho, que conserva ainda  
o mesmo aspecto e a mesma arquitetura  
do rancho onde nasceram teus maiores:  
o mesmo santa-fé, o mesmo barro,  
o mesmo chão batido e os mesmos trens.  
Apenas menos farto, peão velho,  
pois o charque que coze na panela  
já não é tão gordo como antigo  
que sobrava a la farta nos varais.  
Perdeste quase tudo, peão velho,  
e muito pouco recebeste em troca.  
A evolução te usurou teus benefícios,  
deixou-te à margem como um traste antigo,

tareco pobre de inventário rico  
que não merece sequer conta ou lembrança.

E hoje... – a pé, bombacha remangada,  
chagueando aqui e ali o pão difícil  
com que matar a fome dos guris.

Estrada a fora, sombra do que foste,  
vais repontando os restos de ti mesmo

nesta estranha estrada sem regresso.

E na consciência absoluta do teu fim  
tapeia bem pra nuca o chapéu torto  
- último gesto de guasca rebeldia - ,  
pois se era assim que peleando se morria,  
tu, com certeza, vais morrer assim.